A mulher e as práticas esportivas – Causas da não-adesão feminina aos esportes coletivos com bola *Women and the practice of sport – Causes for non-adhesion of women to collective sports with the ball* *La mujer y las prácticas deportivas – Causas de la no-adhesión femenina a los deportes colectivos con pelota*

O objetivo deste estudo foi identificar possíveis causas da não-adesão da mulher, entre 20 e 35 anos, acerca da prática de esportes tradicionais com bola como forma de lazer (futebol, basquete, voleibol e handebol). O método utilizado foi o estudo exploratório do tipo Survey, através de entrevista pessoal junto a 140 mulheres, dentre seis shopping centers da Cidade do Rio de Janeiro e o bairro de Copacabana. O instrumento utilizado na coleta de dados foi o questionário, aplicado através de entrevista junto ao sujeito ao qual era solicitado que após ler as vinte e uma questões abordadas indicasse, em ordem decrescente de importância, as seis causas mais relevantes à sua não-adesão, em cada um dos locais visitados para, posteriormente, identificar as 3 causas mais incidentes.

The object of this study was to identify possible causes for the non-adhesion of women, between 20 and 35 years of age, to the practice of traditional sports with a ball as a form of leisure (football, basketball, volleyball and handball). The method used was the exploratory type of Survey study, through personal interviews with 140 women, in 6 shopping centers in the city of Rio de Janeiro and the suburb of Copacabana. The instrument used for the collection of data was the questionnaire, applied through an interview with the subject questioned and, after, in each of the locations visited, was asked to read the twenty-one questions broached and indicate, in the decreasing order of importance, the six most relevant causes for their non-adhesion to, later, identify the three most incident causes.

El objetivo de este estudio fue identificar posibles causas de la no-adhesión de la mujer, entre 20 y 35 años, acerca de la práctica de deportes tradicionales con pelota como forma de entretenimiento (fútbol, baloncesto, voleibol y balonmano). El método utilizado fue el estudio exploratorio del tipo Survey, a través de entrevista personal a 140 mujeres, en 6 shopping centers de la ciudad de Rio de Janeiro y del barrio de Copacabana. El instrumento utilizado en la recolección de datos fue el cuestionario, aplicado a través de entrevista al sujeto a quien le era solicitado que, tras leer las veintiuna cuestiones abordadas, indicase en orden decreciente de importancia, las 6 causas más relevantes de su no-adhesión, en cada uno de los locales visitados para, posteriormente, identificar las 3 causas más incidentes.

Palavras-chave: esporte e mulher, práticas esportivas, não adesão feminina, educação física

Autores:

Prof. Zander Ribeiro W. Lins – Dissertação de mestrado

Mestrando em Ciência da Motricidade Humana (UCB), Licenciado em Educação Física (UCB), Professor da Universidade Estácio de Sá, curso de Educação Física (graduação) com especialização em Ciência da Preparação Física (UCB), leciona Educação Física há 20 anos na rede Municipal da Cidade do Rio de Janeiro, com atuação na área de Educação Ambiental. Professor convidado da EsEFEx.

E-mail: zanderlins@uol.com.br

Manoel Tubino (orientador)

Presidente da FIEP (Fédération Internationale d'Education Physique), Doutor em educação Física (Universidade Livre de Bruxelas), Doutor em Educação (UFRJ), Livre Docente (UERJ), Membro da Academia de Ciências Sociais, Pesquisador I-A do CNPQ. Professor da UCB e UNISUAM e Autor de 25 livros.

Introdução do problema

Ao abordar a problemática relação mulher *versus* esporte no contexto histórico-cultural, pôde-se perceber a importância

do fenômeno esporte como eficiente instrumento de inclusão sociocultural. A prática voluntária e sistemática de atividades físicas e esportivas como forma de lazer tem a função de promover o desenvolvimento físico e mental do ser humano e ainda proporcionar melhora na qualidade de vida.

A luta das mulheres por uma melhor situação nos mais diversos campos da sociedade tem sido árdua, porém vitoriosa. Ainda que haja espaço para muitas outras conquistas, é inegável o avanço alcançado em alguns segmentos da sociedade e, em especial, no segmento esportivo. Apesar de no passado a presença da mulher no meio esportivo não ter sido marcante, atualmente vêm se mostrando significativa e crescente, mesmo diante dos preconceitos vigentes referentes à fragilidade do sexo e das relações de poder provenientes de um constructo histórico cultural, notadamente aqueles vinculados aos estigmas e às imagens e formas corporais.

A exclusão feminina advém dos tempos da Grécia Antiga, onde as mulheres eram impedidas de participar e assistir aos Jogos Olímpicos da Antiguidade, fato insuficiente para impedir a insurgência por parte de algumas mulheres como o exemplo de Artemis que, segundo Alonso:

é a deusa culturalmente associada ao esporte, símbolo da liberdade, e que viria servir como modelo inspirador para muitas mulheres das gerações contemporâneas, na busca pela libertação de todas as formas de repressão do culto ao corpo ou adesão aos esportes. (In: SIMÕES, 2003, p.40)

Na Idade Média, com o comportamento fortemente influenciado pela Igreja Católica, ainda era vetado às mulheres o direito à prática esportiva.

Segundo Luzuriaga (1981), no final da Idade Média, o aumento populacional e o progresso agrícola, promoveram o êxodo rural, que acarretou o crescimento das cidades e do comércio. Este crescimento favoreceu o fortalecimento das relações interpessoais e a aderência da população em jogos, esportes, competições equestres e aquáticas.

A partir do Renascimento, à luz das idéias dos filósofos humanistas, a mulher iniciou uma conquista gradativa por um espaço mais significativo nas sociedades e posteriormente no mercado de trabalho e, no mundo do esporte, inicialmente com a prática de algumas modalidades esportivas consideradas adequadas.

Na Era Moderna, apesar da mulher ter emergido de um passado de desigualdades, impregnado de valores masculinos, e da diminuta participação no contexto da prática esportiva em relação ao homem, a quantidade de mulheres que buscam no esporte uma oportunidade de realização pessoal, social ou profissional cresce a cada dia.

Os esportes praticados atualmente, coletivos ou individuais, são entendidos como manifestações sociais e culturais do povo e suas representações na sociedade em que estão inseridos, tanto no sentido de sua organização quanto no das relações entre os indivíduos. Os países procuram desenvolver ao máximo a prática do esporte amador, uma vez que é considerado um meio de desenvolver a cultura.

O esporte hoje se apresenta organizado, com modalidades conhecidas mundialmente, bem como suas regras, jogadores, espaços próprios, pontuações, aspectos táticos, sistemas de jogo, formas de disputa, torcida etc.

Embora os jogos olímpicos envolvam somente provas de alta competição, eles exercem grande influência no esporte popular e no esporte escolar, por meio do chamado efeito imitação. Em geral, depois de uma olimpíada, cresce o número de praticantes das modalidades esportivas que obtiveram mais sucesso e foram divulgadas pela mídia. (TUBINO, 1993 p. 52)

A independência motora, conferida à mulher através do movimento humano, proporciona o autoconhecimento e promove a inclusão sócio-esportiva e a autonomia quanto à prática de atividades físico-esportivas como forma de lazer e, principalmente, a incorporação de hábitos saudáveis em busca de uma melhor qualidade de vida. Em suma, a criação de uma cultura esportiva.

O homem, ser moral, cria através de sua ação no mundo, o que Beresford (2000) classifica como "sobremundo", ou outra realidade, que não o insere no mundo da natureza e sim um sobremundo criado por sua própria ação: o mundo da cultura.

Neste sentido a Educação Física surge como principal instrumento de estímulo à difusão e consolidação de uma cultura esportiva que favoreça o aumento da adesão feminina ao esporte lazer, a partir da escola, por meio da práxis profissional.

A compreensão fenomenológica do objeto formal do estudo (mulheres não praticantes de esporte) está relacionada ao aspecto sócio-cultural da vida existencial do praticante de esporte na perspectiva do lazer que, em sua maioria não consolidou o hábito do lazer através do esporte devido à alguma (s) carência (s). E ainda está associada à corporeidade da mulher, que por meio do corpo, assume a sua presença e lugar na história.

O estudo permitiu identificar carências da mulher, no aspecto sócio-cultural, que levam a um baixo índice de adesão ao esporte como forma de lazer. Contribuiu para uma maior com-

preensão acerca das relações de poder entre os gêneros, oriundas de um contexto histórico-cultural discriminatório e excludente quanto à inserção sócio-esportiva feminina. Possibilitou ainda perceber o papel da mídia, como difusora de padrões corpóreos femininos estereotipados, fruto da cultura sexista predominante nas sociedades contemporâneas.

Este estudo abordou questões relacionadas às relações entre os gêneros em um contexto histórico-cultural como fator determinante para o baixo índice de adesão feminina no universo esportivo. A cultura, o poder, a mídia a sexualidade são algumas das vertentes que as relações genéricas abrangem e que devem ser consideradas em um estudo desta natureza. Evidenciou ainda a importância dos posicionamentos intelectuais e de organismos internacionais do Esporte e da Educação Física contra a discriminação e a exclusão. A partir de observações e levantamentos de dados sobre a prática esportiva entre ambos os sexos, na cidade do Rio de Janeiro, percebeu-se um efetivo masculino superior ao feminino. Estas informações permitiram elaborar o objetivo geral deste estudo: Identificar as causas da não-adesão de mulheres, com idade entre 20 e 35 anos, aos esportes tradicionais coletivos com bola (futebol, basquete, voleibol e handebol) como lazer.

Delimitação da pesquisa

As investigações foram realizadas em seis *Shopping Centers* da Cidade do Rio de Janeiro e no centro comercial e orla do bairro de Copacabana, num total de 140 sujeitos, 20 em cada local pesquisado, com idade compreendida entre 20 e 35 anos, através da abordagem direta e utilização de instrumento apropriado.

Referencial de apoio ao estudo

Mulher, esporte e atividade física: aspectos históricos e interpretações

A imagem corporal feminina, caracterizada pela sua estrutura frágil, fez com que a mulher assumisse papéis de pouco destaque na sociedade, sendo a ela delegadas tarefas do lar, e proibidas as atividades físicas ou esportivas.

Ao revisar os estudos de Gomes (1998), percebeu-se que, na virada do século XIX, vários autores discursaram a favor da participação feminina em atividades físico-esportivas e se espelhavam no modelo europeu como apropriado às mulheres da elite brasileiras da época, por se identificar com os aspectos da modernidade.

A autora (*op. cit.*) observa que Rui Barbosa produziu trabalhos referentes aos conceitos de uma educação pública e estatal popular. Devido a este fato, "a educação escolar teria a função de artífice e moldaria, conforme os ideais de liberdade humana, a grande massa que era constituída pelo povo". (GOMES, 1998 p.8)

Com isso, a *Educação Física* no Brasil, no universo escolar, surge como promotora de saúde, higiene física e mental, da educação moral e da regeneração ou reconstituição das raças ao sintetizar um conjunto de medidas necessárias para a inserção da ginástica nos currículos escolares, entre as quais a "Extensão obrigatória de ginástica a ambos os sexos na formação do professorado e nas escolas primárias de todos os graus, tendo em vista, em relação à mulher. A harmonia das formas feminis e as exigências da maternidade futura". (BARBOSA, In GOMES, 1998, p.10)

Diante do quadro emancipatório feminino que se apresentava no campo sócio esportivo, Mario Filho idealizou a primeira olimpíada feminina do Brasil, realizada no Rio de Janeiro e intitulada "Jogos da Primavera", no ano de 1949, contou com a participação de várias instituições de ensino e clubes e contri-

buiu para a adesão feminina ao esporte, com o objetivo propagar a prática esportiva entre as jovens.

Este evento, apoiado na mídia impressa (*Jornal dos Sports*), apresentava um discurso dicotômico, pois, ao mesmo tempo em que incentivava a participação feminina através dos benefícios estéticos advindos de atividades como natação, vôlei, marcha a pé, ciclismo, golfe, tênis e corridas, contra-indicava outras modalidades esportivas, por não serem adequadas ou proibidas à mulher como o futebol e as lutas.

Para Mourão (1998), o poder exercido por uma cultura masculina dominante da época tinha a função proteger a mulher quanto à violação de sua estética corpórea e a ameaça de sua graciosidade e beleza representadas pela prática de exercícios. Sob esse aspecto, a autora percebe um “aprisionamento” da expressão corporal feminina, um cerceamento da liberdade do corpo, inscrito através de ordens simbólicas de sujeição na cultura masculina de dominação e poder sob a tutela da igreja católica patriarcalista a diferenciar os papéis feminino e masculino de acordo com poder e prestígio. E ainda o poder do Estado, a validar a condição do homem trabalhador, chefe de família. Em contrapartida, a mulher, imbuída da manutenção da família e do lar, era impedida de realizar-se pessoal ou profissionalmente.

Pôde-se observar, desta forma, uma construção identitária pautada por diferenças biopsicológicas relacionadas às aptidões produtivas e aos papéis sociais desempenhados, que dificultavam a transformação do imaginário feminino acerca das práticas sócio-esportivas.

Percebe-se então, que o consenso predominante na sociedade da época, notadamente masculina, consolidou, na trajetória histórica da mulher, os mitos da maternidade, domesticidade, passividade, submissão e de sujeição que sempre permearam as tentativas de emancipação.

Na Europa, segundo Hobsbawn (1995), os movimentos feministas emergidos durante o século XIX suscitaram mudanças na vida da mulher, desde a insubordinação ao patriarcado, passando pela organização da mão-de-obra assalariada à autonomia do indivíduo civil, que promoveriam um novo modelo de sociedade em busca da equalização de oportunidades em relação ao sexo masculino.

Mourão (1998) acrescenta que no discurso de atletas e praticantes de atividades físicas são raros os manifestos que associem tais atividades às lutas e movimentos sociais femininos e postula que “[...] as mulheres não dão sinais de empenho efetivo em quebrar ou diminuir a hegemonia masculina no Brasil. Não há projetos, no Brasil, no movimento dos direitos da mulher no que se refere ao campo esportivo.” (p.22)

Gênero, cultura e identidade

As investigações sobre a condição sócio-esportiva da mulher, em relação ao homem, suscitaram uma melhor compreensão quanto às abordagens sobre as relações de gênero e suas vertentes diante das possibilidades de ruptura quanto aos dogmas que se constituíram em paradigmas dominantes. Estas manifestações exerceram influência nos modelos culturais observados em diferentes locais e períodos acerca dos comportamentos identitários feminino e masculino.

Segundo Hobsbawn (1995), o acelerado processo de desenvolvimento econômico dos países avançados, entre as décadas de 40 e 60, promoveu a inserção da mulher no mercado de trabalho e a ruptura de preconceitos e discriminações históricas em busca da emancipação profissional e sócio-esportiva.

O fato, possivelmente colaborou para a eclosão dos mo-

vimentos feministas emergidos de países como Inglaterra, França e Estados Unidos, nos anos 80 e citados nas análises de Joan Scott (1995) acerca dos conceitos de gênero vigentes naqueles países.

De acordo com Scott (1995), a palavra “gênero” começou a ser utilizada pelas feministas como forma de referir-se à organização social da relação entre os sexos. E que, na gramática, gênero é entendido como uma maneira de classificação de fenômenos; um sistema de distinções socialmente acordadas mais do que uma descrição objetiva de traços inerentes. Além disso, as classificações sugerem uma relação entre categorias que permite distinções ou agrupamentos separados.

Para Louro (2000) as “marcas corporais” determinam a identidade como uma atribuição cultural, pois os corpos são significados, representados e interpretados culturalmente nas diferentes sociedades ou grupos que podem atribuir diferentes significados às características físicas, dando importância ou não à elas, que tem seu significado modificado ao longo da existência das culturas e dos sujeitos.

Neste sentido, a autora questiona os significados atuais de uma cultura atribuídos a uma aparência corporal pré-determinada e a importância da indagação sobre os processos históricos e culturais que possibilitaram valores diferentes acerca de certas características que passaram ter maior relevância do que outras.

O processo de atribuição destas “identidades” ocorre em meio ao jogo de poder, que atribui também diferenças, e é produzido em meio a disputas, supondo classificações, ordenamento e hierarquias que ocasionarão sempre processos de diferenciação. Desta forma, o corpo não serve como indicador definitivo e conclusivo das identidades, pois ele é maleável, fala múltiplas línguas, tem muitos significados, engana e ilude.

Scott (1995), aponta as feministas americanas como sendo as precursoras na utilização mais recente do termo “gênero”, para enfatizar o caráter social das distinções baseadas no sexo; e destaca ainda a importância do termo “gênero”, proposto por estas para sustentar que a pesquisa sobre as mulheres transformaria fundamentalmente os paradigmas disciplinares.

A história que já foi escrita e a história que está por ser escrita permeiam aspectos importantes em relação à mulher, tanto quanto a experiência pessoal e subjetiva como as atividades públicas e políticas, pois, ao analisar as categorias de classe, raça e gênero o pesquisador deve levar em consideração o sentido e a natureza das desigualdades de poder. Deve-se questioná-lo de forma que provoque abalo ou talvez transformação, para que se possa analisar, não apenas a relação passada entre a experiência masculina e a experiência feminina, mas também a conexão entre a história passada e a prática histórica presente.

A sexualidade na ótica do gênero

Para Louro (2000), o termo gênero deve servir como indicador de constructos sociais, dos papéis próprios aos homens e às mulheres; uma forma de referência às origens sociais das identidades subjetivas de homens e mulheres. O gênero pode ser definido então como uma categoria social imposta sobre um corpo sexuado, um meio de distinção da prática sexual dos papéis atribuídos à mulher e ao homem, ao enfatizar todo o sistema de relações que pode incluir, mas não ser determinado pelo sexo, nem determinar a sexualidade.

A autora afirma ainda que gênero e sexualidade constituem-se em dimensões extremamente articuladas, e sugere uma distinção, pois a partir da identidade sexual se chega à identidade social e o gênero se constrói fundamentalmente a partir das diferenças entre os sexos no seio da sociedade. Desta forma, as iden-

tidades de gênero emergem das várias formas de viver a masculinidade ou a feminilidade.

Teorias de estudos feministas apontam gênero e sexualidade como sendo constructos sociais, culturais e históricos, não havendo, no entanto, senso comum quando se trata da sexualidade.

Neste contexto, o corpo social, principalmente a mulher, devem romper paradigmas de ordem estética numa tentativa de equalizar diferenças entre os gêneros; renegar as vanguardas “modernistas” dominantes, impostas ao ideário estético feminino pelo poder da mídia, por exemplo. Deve-se buscar a sintonia com o presente e com a modernidade, não se sujeitar às formas coercivas de poder, e buscar, na prática de atividades físicas e esportivas como lazer, melhora na qualidade de vida para que se inscreva uma nova ordem cultural.

O lazer como objeto de posicionamentos intelectuais e de organismos Internacionais do esporte e da educação física

Por sua vez, os Documentos relacionados à Educação Física e o Esporte em organismos internacionais determinaram uma nova ordem nos conceitos do esporte, Tubino (2001), informa que o movimento precursor deste processo de revisão foi o Manifesto Mundial do Esporte (1964), editado pelo “*Conseil Internationale d’Éducation Physique et Sport*” (CIEPS), da UNESCO, assinado por um Prêmio Nobel da Paz (Sir Phillip Noel Baker). Este foi o primeiro documento a apontar o esporte para além do rendimento, ao demonstrar a existência do esporte nos âmbitos escolar e de lazer, este último, aberto para todos.

Em consulta às cartas de organismos nacionais e internacionais que regem a Educação Física e o Esporte, observou-se que: a Carta Internacional da Educação Física e do Esporte, da UNESCO (1978), estabelece no seu art. 1º que “a prática da Educação Física e do Esporte é um direito fundamental de todos”, e que, com esse pressuposto, as formas de exercício desse direito nas práticas esportivas, em consenso internacional, foram localizadas âmbito do Esporte Educacional, no Esporte Lazer ou do Tempo Livre e no Esporte de Rendimento.

O Manifesto Mundial da Educação Física/FIEP (Federação Internacional da Educação Física/2000), destaca em seus Capítulos a importância da Educação Física e do Esporte.

Em seu capítulo primeiro, o manifesto destaca que a “Carta Internacional da Educação Física e do Esporte” (UNESCO/1978) estabelece, em seu artigo 1º, a prática da Educação Física e do esporte como direito de todos; este artigo, ao que tudo indica foi inspirado na “Declaração Universal dos Direitos Humanos” (Nações Unidas/1948) em seu art. 2º que determina que todos podem invocar os direitos e as liberdades estabelecidas nesta Declaração sem distinção de raça, cor, sexo, língua, religião, classe sócio-econômica ou nacionalidade.

Ainda o manifesto mundial da FIEP (2000) sobre o conceito de Educação Física, no seu segundo capítulo, ressalta que, em uma determinada “Cultura Física”, cujo culto ao corpo se reflete no desenvolvimento humano e social manifestado através de práticas físico-esportivas e efetiva utilização do tempo livre, a Educação Física surge como “fundamento” a tais práticas, além de desenvolver habilidades e conhecimentos em atividade física e esporte para uma efetiva participação profissional, familiar e no lazer.

Desta forma, a FIEP conclui no art. 2º, que a Educação Física, através de atividades corporais variadas, promove o lazer ativo, a consolidação de hábitos saudáveis, uma efetiva educação para a saúde, ocupação saudável do tempo livre para o lazer e formação da cidadania por parte de crianças, jovens, adultos e idosos. As suas práticas deveriam ser reconhecidas como base

fundamental para o desenvolvimento de atividades esportivas ao longo da vida e que na escola deveria ser considerada como o fator mais importante para o fomento do esporte, pois as crianças estão mais predispostas a participar de atividades esportivas extra-escolares.

Por tudo que representa na amplitude do seu novo conceito, o esporte é uma opção privilegiada de utilização de atividades físicas e deve merecer uma educação específica para que as pessoas incorporem suas práticas às suas culturas individuais.

A educação física e seu compromisso contra a discriminação e a exclusão social

Este capítulo nos remeteu à 2ª Conferência Internacional de Ministros e Altos Funcionários Encarregados da Educação Física e do Esporte (MINESP II/MOSCOU/1983), que preconizou “a promoção do Esporte para Todos e sua extensão a todos os grupos da população com o devido respeito à dignidade humana” e à Convenção das Nações Unidas sobre a Eliminação de todas as Formas de Discriminação Contra a Mulher (1979), como reforço à afirmação de que o direito da mulher à Educação Física e atenta para a importância do incentivo à adesão feminina aos esportes através da Educação Física ao lembrar que:

Que a 3ª Conferência Internacional de Ministros e Altos Funcionários Encarregados da Educação Física e o Esporte, na Declaração de Punta del este (1999), indica uma melhor participação das meninas, jovens e mulheres na Educação Física em todas as estatísticas, em concordância com a Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra a Mulher das Nações Unidas (1979), e da Declaração de Brighton sobre a mulher no Esporte (1994). (p.42)

A integração social promovida pela Educação Física pode originar uma nova cultura esportiva, no sentido de favorecer a inserção feminina no mundo esportivo, independente dos padrões corporais concebidos pela mídia.

Em suas conclusões, a FIEP recomenda que:

Art. 18 - A Educação Física deve ser utilizada na luta contra a discriminação e a exclusão social de qualquer tipo, democratizando as oportunidades de participação das pessoas com infra-estruturas e condições favoráveis e acessíveis. (p.43)

Metodologia

Tipo de pesquisa

Segundo Thomas e Nelson (2002), o método de pesquisa descritiva mais comum é o estudo exploratório, estudo de status amplamente utilizado na educação e nas ciências comportamentais. O método utilizado foi o estudo exploratório do tipo Survey, através de entrevista pessoal junto a 140 mulheres, divididas entre seis shopping centers da Cidade do Rio de Janeiro e o bairro de Copacabana.

Esta técnica de pesquisa descritiva procurou determinar práticas presentes ou opiniões de uma população especificada, sendo a amostragem selecionada de forma estratificada aleatória, entre mulheres com idades entre 20 e 35 anos.

A forma de seleção de amostra escolhida encontra respaldo nos estudos de Thomas e Nelson (2002) que afirmam que a população deve ser dividida (estratificada) de acordo com alguma característica, neste caso a idade, os locais pesquisados e a não-adesão aos esportes tradicionais com bola, antes da seleção aleatória da amostra.

O propósito de selecionar uma amostra aleatoriamente,

segundo os autores supracitados, deve-se ao fato de que a amostra representa a grande população, ou seja, os achados na amostra podem ser inferidos para a população maior. Portanto, em termos estatísticos, uma característica, relação, ou diferença encontrada em uma amostra provavelmente estará também presente na população da qual a amostra foi selecionada (inferência).

Seleção de amostra

Os sujeitos selecionados para pesquisa foram mulheres com idade entre 20 e 35 anos, frequentadoras de *shopping centers*, não praticantes de esportes tradicionais coletivos com bola (futebol, basquete, vôlei e handebol) como forma de Lazer.

Procedimentos relativos à execução da tarefa para a coleta de dados

O instrumento (questionário) foi validado por 5 especialistas, entre os quais 3 doutores e 2 mestres. Inicialmente foi entregue, a cada validador, uma carta solicitando a contribuição no sentido de validar o instrumento que foi elaborado a partir de 23 possíveis causas. Posteriormente, como primeira validação, o instrumento foi submetido à apreciação de professores especialistas para possíveis sugestões de alterações e a obtenção do instrumento final.

Como segunda validação, após acatar as sugestões e alterações propostas pelos professores validadores, obteve-se o questionário final com 21 questões a ser aplicado junto à mulheres na faixa etária compreendida entre 20 e 35 anos, frequentadoras de *shoppings centers*, e não praticantes dos esportes envolvidos no estudo.

As entrevistas foram realizadas em dias e horários diferentes em 6 *shoppings centers* da cidade do Rio de Janeiro e no bairro de Copacabana com o objetivo de se obter maior fidedignidade em relação aos dados coletados. Adotou-se, como estratégia de abordagem dos sujeitos, a exploração dos espaços destinados às praças de alimentação no período pós-refeição de modo que não se interferisse na atividade normal dos entrevistados e devido ao fato de os mesmos estarem acomodados, no que favoreceu a aplicação do instrumento.

O questionário foi entregue a cada um dos entrevistados, que, após ler as vinte e uma questões, foram orientados a marcar em ordem decrescente de importância, as 6 causas mais relevantes para não praticar os esportes relativos ao estudo. As 3 principais causas verificadas em cada local investigado foram pontuadas através de uma tabela inversa que atribuiu 6 pontos para a primeira causa mais incidente, 5 pontos para a segunda, 4 pontos para a terceira, 3 pontos para a quarta, 2 pontos para a quinta e 1 ponto para a sexta. A partir daí, somaram-se os pontos de cada local, no intuito de se perceber quais causas sofreram maior número de respostas.

INSTRUMENTO PARA APLICAÇÃO JUNTO AO SUJEITO (QUESTIONÁRIO)

DADOS PESSOAIS

NOME _____ PROFISSÃO _____

IDADE ENTRE 20 E 35 ANOS: () SIM

2ª VALIDAÇÃO DO INSTRUMENTO – CAUSAS DA NÃO ADESÃO FEMININA ÀS PRÁTICAS ESPORTIVAS. Marque as 6 principais causas da sua não-adesão aos esportes tradicionais coletivos com bola (futebol, basquete, vôlei e handebol) como lazer, numa escala de importância da 1ª à 6ª questão.

CAUSAS	VALIDAÇÃO DO ESTUDO
1- Falta de tempo livre	
2- Falta de incentivo à prática esportiva na infância/adolescência	
3- Falta de aquisição do hábito na infância/adolescência	
4- Falta de informação	
5- Falta de oportunidade	
6- Falta de incentivo na escola	
7- Compromisso prioritário com as atividades domésticas	
8- Espaços físicos para a prática com acesso difícil	
9- Filhos/maternidade	
10- Acredita que tais práticas tomem o corpo anti-estético	
11- Violência nas práticas esportivas	
12- Falta de motivação	
13- Falta de companhia	
14- Falta de políticas públicas	
15- Falta de incentivo da família	
16- Experiências negativas na infância e adolescência	
17- Orientação religiosa contrária	
18- Doenças graves anteriores	
19- Fatores econômicos	
20- Falta de coordenação motora/habilidade	

Neste sentido, com maior pontuação, apareceu a causa número um (falta de tempo livre) com 600 pontos somados. Em segundo lugar, a causa número doze (falta de motivação) somou 346, seguindo-se a causa número treze (falta de companhia) com 233 pontos. A causa número cinco (falta de oportunidade) surgiu em quarto lugar com 181 pontos, seguida da causa número três (falta de aquisição do hábito na infância/adolescência) em quinto lugar com 133 pontos e da causa número dois (falta de incentivo na infância/adolescência) em sexto lugar com 127 pontos.

De cada um dos locais pesquisados foram rankeadas as seis causas de maior incidência, para posteriormente identificar as três causas de maior ocorrência dentre todos os *shoppings centers* e o bairro de Copacabana quanto à não adesão de mulheres ao esporte como forma de lazer.

Tratamento estatístico

O tratamento de dados foi orientado pela estatística descritiva, onde as variáveis foram tratadas pela análise de fre-

quência com representação por tabelas ou gráficos conforme preconizado por Costa Neto (2002). Nestes casos, a significância das frequências foi avaliada através do teste Qui-quadrado, tendo as hipóteses:

H0: As frequências são similares

H1: Pelo menos uma frequência é distinta.

Para verificar possíveis diferenças entre as seis causas principais identificadas nos seis distintos *shoppings* e no bairro de Copacabana foi usado o teste de Kruskal-Wallis.

E $\alpha = 0,05$, portanto tomou-se como significativa a variável que teve valor- $p < ?$, ou seja pode-se afirmar que a frequência das respostas não se deu ao acaso, sendo representativa *a priori* do grupo investigado.

Apresentação e discussão dos resultados

O Tratamento Estatístico utilizado observou dois momentos distintos, o primeiro relativo às técnicas da estatística descritiva e, considerando que o instrumento de coleta de dados se deu através do questionário, com respostas de conteúdo discreto nominal, os resultados foram apresentados segundo gráficos com suas respectivas distribuições de frequências. O segundo momento consistiu em estabelecermos uma abordagem segundo as técnicas da estatística inferencial, através da qual se fez os testes de hipóteses, observando-se um nível de significância $p < 0,05$. Para tanto se utilizou o teste não paramétrico de Kruskal-Wallis e teste não paramétrico Qui-quadrado. Neste sentido buscou-se verificar a existência ou não de relações causais entre as questões complementares e que compõem o instrumento questionário.

No gráfico 1 estão citadas as causas mais pontuadas pelas voluntárias para a não adesão à prática de esportes tradicionais com bola. Das 21 questões que compuseram o questionário a falta de tempo livre foi a que obteve maior frequência relativa (32%) somando, no geral, 600 pontos. A falta de motivação foi indicada como a segunda principal causa da não adesão destas mulheres (18%) alcançando 346 pontos. Esta foi seguida da falta de companhia (12%), a qual somou 233 pontos e posteriormente pela falta de oportunidade (9%) com 181 pontos. A questão falta de aquisição do hábito na infância/adolescência (6%) aparece na lista das seis mais citadas com 133 pontos assim como a falta de incentivo que somou 127 pontos. As frequências relativas das questões relativas à falta de coordenação/habilidade (4%), compromisso prioritário com as atividades domésticas, fatores econômicos e espaço físico (3%) mostraram baixa frequência atingindo 87, 61, 59 e 58 pontos, respectivamente. As questões menos citadas foram filhos/maternidade (2%) e a falta de incentivo na escola (1%) e somaram 42 e 28 pontos.

Gráfico 1

Frequência geral – As causas mais pontuadas

Nos gráficos 2 e 3 estão citadas as seis e três causas mais pontuadas pelas voluntárias para a não adesão à prática de esportes tradicionais com bola, respectivamente.

Gráfico 2
As seis causas mais pontuadas

Gráfico 3
As três causas mais pontuadas

Os resultados do teste de Kruskal-Wallis (Tabela 1) mostrou que não houve diferença significativa entre as três causas principais indicadas como responsáveis pela não adesão à prática de esportes tradicionais com bola nos seis *shoppings* e no bairro de Copacabana.

Tabela 1
Resultado do Teste Kruskal-Wallis

Respostas	gl	p-valor
Tempo Livre	6	0,42
Oportunidade	4	0,40
Coordenação/Habilidade	2	0,36
Companhia	5	0,41
Motivação	6	0,42
Outras Prioridades	1	0,31
Incentivo	2	0,36
Hábitos	3	0,39
Espaço Físico	1	0,31

$p < 0,05$

Os resultados do teste Qui-quadrado (Tabela 2) demonstraram que os percentuais anteriormente destacados não foram significativos, ou seja a possibilidade de respostas ao acaso não foi nula. É imperativo considerar que tais resultados eram esperados, pois a construção do instrumento permitiu grande subjetividade, o que fatalmente impossibilitou uma avaliação mais precisa e talvez tenha induzido as respostas.

Tabela 2
Resultado do Teste Qui-Quadrado

Respostas	gl	p-valor
Tempo Livre	6	1,00
Oportunidade	3	0,89
Coordenação/Habilidade	2	1,00
Companhia	5	1,00
Motivação	6	1,00
Outras Prioridades	1	1,00
Incentivo	1	0,56
Hábitos	2	0,77
Espaço Físico	1	1,00
Fatores Econômicos	1	1,00

$p < 0,05$

Considerações finais e recomendações

Mesmo distante da superior representatividade masculina no cenário físico-esportivo, a mulher, ao longo do tempo, vem aderindo progressivamente às práticas esportivas como forma de lazer, em busca de maior representatividade no cenário sócio-esportivo.

A partir de investigações preliminares quanto ao quantitativo de esportistas, de ambos os sexos, nas dimensões sociais do esporte lazer, educacional e escolar, social, e de rendimento, percebeu-se que a maior adesão ocorre por parte do contingente masculino. Diante deste quadro delineou-se o problema do estudo, que teve como objetivo geral identificar as principais causas da não-adesão feminina, com idade entre 20 e 35 anos, aos esportes tradicionais coletivos com bola (futebol, basquete, voleibol e handebol) como forma de lazer.

Contudo, a partir dos resultados deste estudo concluiu-se que alguns fatores, dentre eles a falta de tempo livre, a falta de motivação e a falta de companhia, contribuem para a não adesão de mulheres aos esportes tradicionais, coletivos e terrestres com bola (futebol, basquete, vôlei e handebol), na faixa etária de 20 a 35 anos.

Os dados obtidos sugerem a interpretação de que a falta de tempo livre, devido às obrigações profissionais, sociais e familiares que a vida moderna impõem, distanciam a mulher da prática esportiva como forma de lazer. Este fator pode levar à falta de motivação, entre outros motivos, pela falta de companhia. O estudo revelou que estas causas constituem-se, então, num conjunto de fatores que, aliados à falta de aquisição do hábito e do incentivo à prática esportiva na infância/adolescência, também colaboram para a exclusão sócio-esportiva feminina.

Desta forma, recomenda-se que novas investigações sejam realizadas e ações mais amplas e eficientes devam ser tomadas no sentido de promover uma maior adesão de mulheres às práticas físico-esportivas, com iniciativas por parte dos órgãos públicos que fomentam o esporte nos âmbitos educacional, social e do lazer. A práxis do profissional de educação física no ambiente escolar deve promover um maior incentivo à prática esportiva feminina, de modo a incorporar cada vez mais na população a cultura da saúde através da prática de esportes como qualidade de vida.

Novos estudos devem ser realizados junto à população, independente das diferentes classes sociais, faixas etárias, bairros e comunidades ou religiões com o objetivo de detectar que fatores seriam relevantes para a adesão feminina à prática esportiva.

Anseio observar habitualmente, tanto no ambiente escolar quanto nos projetos esportivos, espaços públicos e clubes, e onde mais houver manifestações do esporte nas dimensões educacional, social, do lazer ou de rendimento, de maneira efetiva, a incorporação do esporte na rotina de lazer feminina, junto aos homens; e, neste sentido, favorecer o surgimento e a consolidação de uma nova cultura esportiva na forma despretensiosa que o lazer proporciona.

Referências bibliográficas

- ALONSO, Luiza Klein. In Antonio Carlos Simões (org.) – *Mulher e Esporte – mitos e verdades* – cap. 2, p.35-47, Editora Manole, Barueri, SP - 2003.
- AZEVEDO, F. A *evolução do esporte no Brasil*. São Paulo: Melhoramentos. 1930.
- BARBOSA, Rui. *Obras Completas de Rui Barbosa*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde, 1947. V: 10.
- CONSELHO FEDERAL DE EDUCAÇÃO FÍSICA – CONFEF / CREF. *Código de Ética*, 6ª edição, Brasil, 2003.
- COSTA NETO, P.L.O. *Estatística*. São Paulo: Edgard Blücher, 2002.
- FÉDÉRATION INTERNATIONALE D'EDUCATION PHYSIQUE. *Manifesto FIEP*: Paris, 2000.
- FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. 18.ed. Rio de Janeiro: Graal, 2003.
- GOMES, Euza Maria de Paiva Fiúza. *Atividade Física-Desportivas de Mulheres da Elite Carioca, 1900 à 1980*. (Dissertação de Mestrado). Rio de Janeiro, Universidade Gama Filho, 1998.
- LOURO, Guacira Lopes. *Corpo escola e identidade*. In: *Educação & realidade*, V.25, n.2 (jul/dez, 2000). Porto alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação.
- LUZURIAGA, Lorenzo. *História da educação e da pedagogia*. 8. ed. São Paulo: Nacional, 1981.
- MOURÃO, Ludimila. *A Imagem da Mulher Esportista nos Jogos da Primavera dos anos 50*. In:
- ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. *Carta Internacional da Educação Física e Desportos: 20ª Reunião da Conferência Geral da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura*. Paris, 1978.
- PEREIRA, Flávio M. *A dialética da cultura física*. São Paulo: Ícone, 1988.
- SCOTT, Joan. *Gênero: uma categoria útil de análise histórica*. In: *Educação & realidade*. V.20, n.2 jul/dez 1995. Porto alegre: universidade Federal do Rio Grande do Sul, faculdade de educação. p. 71-99.
- TUBINO, Manoel. *Dimensões sociais do esporte*. São Paulo: Cortez. 2ª ed. revista, 2001.
- TUBINO, Manoel. *As teorias da educação física e do esporte: uma abordagem epistemológica*. São Paulo: Manole. 2002.
- TUBINO. *500 Anos De Legislação Esportiva Brasileira – Do Brasil-Colônia ao Início do Século XXI*, Editora: Shape, Rio de Janeiro, 2002.
- TUBINO. *O Que É Esporte*, 1ª reimpr. 1ª ed. 1993, Editora: Brasiliense, São Paulo, 1999.